

REVISTA DAS QUESTÕES

Sem estado: formas
de vida sem mundo
& a interpretação
espacial da lógica

Katherine Adams
(Tradução de Romulo Moraes)

Como observado na teoria de Nelson Goodman sobre "mundofazer" (*worldmaking*)*, o mundofazer é sempre um produto de várias operações com mundos preexistentes – os mundos são feitos a partir de outros mundos,¹ uma posição a que me referirei como a sua "tese do mundofazer". Além disso, a orientação de Goodman é marcada por um ceticismo (ou talvez um agnosticismo)² acerca da diferença entre o múltiplo e o uno, no sentido de que, para Goodman, o monismo e o pluralismo são praticamente indistinguíveis.³ Neste artigo, considerarei brevemente alguns problemas e alternativas à dependência estrita das formas de vida a mundos 'bem feitos' – uma

* Usualmente, traduz-se "worldmaking" como "produção de mundo". A escolha aqui foi por transformar o célebre conceito goodmaniano em "mundofazer", de modo a manter a unidade sintática, semântica e imagética da palavra original. [NT]

1 Goodman, Nelson. "Words, Works, Worlds", In: *Ways of Worldmaking*. US: Hackett Publishing, 1978. p. 61: "Worldmaking as we know it always starts from worlds already on hand; the making is a remaking."

2 *Ibid.*, p. 2: "...the issue between monism and pluralism tends to evaporate under analysis. If there is but one world, it embraces a multiplicity of contrasting aspects; if there are many worlds, the collection of them all is one. The one world may be taken as many, or the many worlds taken as one; whether one or many depends on the ways of taking."

3 Cf. nota acima e a passagem associada.

dependência que parece resultar de muitas das caracterizações de Goodman. Partindo do reconhecimento de que algumas formas de vida são inabitáveis e 'sem mundo' – apesar de serem claramente 'feitas' de outros mundos –, descreverei uma construção hipotética para essa inibição de mundos e sua relação com certa incompletude latente na lógica do mundofazer de Goodman. Ao articular tal constructo inibidor de mundos – que descrevo como 'sem estado' – explorarei como a ameaça de incoerência filosófica representada pela incompletude lógica e pela política dos 'sem estado' pode ser resolvida por meio de uma espacialização do cálculo de mundofazer.

Na sua mútua transformabilidade, pode parecer que os mundos de Goodman afastam a incompletude, implicitamente supondo que os mundos podem ser transformados *in perpetuo* a um nível de abstração materialmente compatível a cada vez. Quando considerados em termos das suas condições de tradução/compatibilidade mútua – ou seja, a 'tese do mundofazer' de Goodman, de acordo com a qual um mundo é sempre fabricado a partir de outros mundos – qualquer mundo dado pode ter uma potencial ligação com um mundo 'futuro' como fonte material para a composição deste. Isso não quer dizer que os mundos são todos igualmente da mesma "ordem" (no sentido da lógica de primeira ou segunda ordem, ou seja, linguagem lógica e metalinguagem), mas sim que há algum morfismo possível entre eles, ou que não existe nenhuma barreira lógica de não-traduzibilidade entre os respectivos domínios dos seus elementos. Sugiro que a ideia de Goodman de que os mundos são sempre feitos (ou 'refeitos') a partir de outros mundos corre o risco de incoerência filosófica; se o pressuposto goodmaniano de compatibilidade

algébrica entre mundos não for contido, confrontamo-nos com as questões lógicas da totalidade.⁴

Embora a incompletude lógica possa ser uma consequência válida em certas orientações filosóficas distintas⁵, no caso de Goodman ela ameaça ser especialmente problemática por causa do agnosticismo do filósofo em relação a qualquer distinção forte entre monismo e pluralismo. Se monismo e pluralismo são funcionalmente equivalentes, e se qualquer classe de modelos de mundo materialmente compatíveis pode ser sucessivamente (de maneira transitória ou não) deformada em qualquer outro mundo-modelo dessa classe, corre-se o risco de ficar sem qualquer capacidade de teorizar o paradoxo ou o incompleto – de fato, recusa-se o problema da incompletude. Patricia Reed explicita o problema lógico-político em causa em termos das "fricções insuprimíveis" que existem dentro de um mundo. Sobre a possibilidade sempre presente de incompletude em mundos, Reed escreve: "Reconhecer o limiar de fricções insuprimíveis que germinam dentro de um mundo existente é tornar a incompletude desse mundo inteligível. Em correspondência, reconhecer a incompletude de um mundo é reconhecer novamente o seu fim".⁶ Reed aborda o problema do "fim" de um mundo do ponto de vista temporal, a partir

4 Cf. a discussão em "Introduction": Livingston, Paul M. *The Politics of Logic: Badiou, Wittgenstein, and the Consequences of Formalism*. New York and London: Routledge, 2012. pp. 3-64.

5 *Ibid.* Livingston define uma classe de orientações filosóficas que admitem incompletude como "Genérico" – no qual inclui a estrutura de Badiou. O impulso do meu trabalho pressupõe essencialmente que Goodman, embora muitas vezes pareça ser um construtivista, na verdade ganha coerência através de uma estrutura genérica. Goodman não é um pensador definitivamente genérico, mas o seu projeto pode ser apresentado através de uma oscilação entre construtivismo e certas orientações genéricas.

6 Reed, Patricia. "The End of a World and its Pedagogies", *Making & Breaking*, Issue 02, 2021. p. 2.

de um contexto mais amplo do pensamento das futuridades.⁷ No entanto, podemos estender a ideia de um "fim" temporal dos mundos ao que adiante chamarei de sua "intraduzibilidade" – uma saída parcial dos mundos em relação ao domínio das várias funções operacionais de mundofazer. Uma situação em que o material de um mundo já não pode ser convocado a elaborações mais elevadas; ele desafia qualquer estatuto de origem e se afasta da imagem de pensamento e do estado transitório de identidade que seriam necessários para que a sua forma fosse remodelada em um mundo diferente. Um exemplo de mundo em colapso/colisão, proponho eu, pode ser apreendido através da figura conceitual do "sem estado".

Numa tentativa de conceber pontos de incompletude suprimidos no sistema de Goodman – quando o mundofazer utiliza operações que estabelecem uma falsa equivalência (ou seja, incompatibilidade/contrariedade material) entre mundos –, introduzirei a ideia de "sem estado" como modelo político e lógico do fracasso de tradução entre mundos. Ser forçado a navegar em condições que são continuamente incompatíveis materialmente com a posição do sujeito – isto é, condições de perpétua contrariedade – cria uma experiência de estar sem mundo e de ter uma forma de vida para a qual nenhum mundo pode ser construído, apesar de sobreposta por várias outras formas de mundo. Um exemplo do domínio político é literalmente o sem estado, o apátrida, no sentido de alguém que não tem filiação nacional, tal como quando um país já não é reconhecido no direito internacional e seus habitantes se tornam estrangeiros perpétuos. Contudo, também pode-se

7 *Ibid.*: "...every seemingly 'complete' world is underwritten by a particular configuration of futurity that legislates a degree of continuous dynamism within those futural parameters."

considerar "sem estado funcional" (efetiva e formalmente) aqueles que são criminalizados pelas suas próprias nações, forçados a existir como refugiados ou escondidos. Há ainda outros casos desta apatridia 'formal' que podem ter lugar inteiramente internos a determinado órgão político ordenador, como por exemplo quando a existência de um indivíduo é categorizada incorretamente pelos órgãos governamentais. Esta é uma forma de caos em que os enquadramentos burocráticos de referência (cada um dos quais pode razoavelmente manter-se como um mundo distinto) estão em constante mudança – um enquadramento é aplicado a uma situação que foi gerada dentro de outro enquadramento particular. Isso parece abstrato, mas são casos concretos de ausência de estado ou apatridia – um exemplo é ser falsamente acusado de um crime que realmente aconteceu e suportar a pena de prisão de um estranho que realmente cometeu a transgressão (e a história judicial dos EUA está repleta de exemplos assim). Outro exemplo é uma pessoa doente que é criminalizada por ser pobre demais para participar do sistema de saúde. Em suma, nesse amplo fenômeno lógico-político de falta de estado, o corpo político troca continuamente um estatuto por outro; no entanto, falha sempre em aplicar uma categoria do tipo adequado, que "resolveria" o problema. Trata-se de uma forma de vida, mas que não pode ser inserida no quadro de um mundo, apesar de se construir a partir das estruturas implícitas fornecidas por outros mundos – dobra-se a eles, responde a eles, reflete-os e desvia deles. Como abordar tal estado, de expulsão perpétua de dentro do sistema, em Goodman?

Tal condição abstrata de ausência de estado não é fundamentalmente uma experiência de estar 'fora' – é uma condição de movimento transversal, e não de exclusão. Se pensássemos a

"tese do mundofazer" de Goodman na linha de um mundo forjado pela exclusão, correríamos o risco de invocar uma falácia linguística privada (por exemplo, se entendêssemos a "não-traduzibilidade" como um mundo ininteligível). Não é, contudo, o que pretendo fazer aqui, e reconheceria que um argumento que se baseia na ininteligibilidade de um mundo possível sofreria por ser circular. (Pois, sob a luz de Goodman, podemos assumir que um mundo que não pode ser tornado inteligível é também de realidade discutível). Pelo contrário, o abismo do quadro goodmaneano que estou a descrever não é um estado de exceção, mas uma quimera formal – uma areia movediça de paradigmas em constante transformação. Na medida em que a posição sem estado parece compatível com os quadros políticos ou lógicos que ela excede, trata-se de uma compatibilidade diagonalizada, no sentido de uma correspondência forçada entre domínios de ordens diferentes, que não tem fundamento matemático. O indivíduo torna-se esse excesso diagonalizado. Tal como Badiou descreve a "diagonal" que faz emergir um espaço de "excesso",⁸ o indivíduo sem estado assume a posição paradoxal de ser tanto exterior quanto excessivo em relação ao mundo ou sistema. Depois de ter sido apresentado no primeiro, é julgado pelo segundo, condenado a viver no terceiro, sendo processado em um labirinto de modelos incongruentes. Isso é diferente da imagem de Agamben sobre a lógica da exceção: a minha noção de sem estado formaliza o elemento "excluído" do mundo político como um resíduo de outros mundos – indivíduos "excluídos" são elementos transversais

8 Badiou, Alain. *Briefings on Existence: A Short Treatise on Transitory Ontology*. NY: SUNY Press, 2006. p. [Não-legível ou indisponível]: "...mathematical thought returns unto itself under the constraint of a real sticking point or the inevitable emergence of an impossible point within its own field. This sticking point can be... of a paradoxical nature triggering excess..."

em vez de elementos que habitam o espaço do "campo", e se encontram, paradoxalmente, dentro e fora.⁹ Além disso, essa transversalidade formaliza um sujeito a quem é negado o futuro (cf. Patricia Reed), como descreverei a seguir.

Mais importante, a falta de estado é aqui uma forma de vida construída através de vários outros mundos, mas inconstituível através de qualquer um deles, existindo apenas como um excesso residual. Dada essa noção básica de ausência de estado, espero agora mostrar como um caso-limite pode ser tratado incorporando uma lógica espacial e topológica ao quadro goodmaniano. Na medida em que a ideia de mundofazer de Goodman pressupõe alguma traduzibilidade entre mundos, podemos elaborar um cálculo hipotético implícito em relação ao mundofazer. Suponhamos tal cálculo, que consistiria em todas as operações algébricas possíveis que Goodman elabora no seu *Ways of Worldmaking* (suplementação, ordenação, ponderação, e assim por diante)¹⁰. Este seria um cálculo para a transmutação de qualquer mundo em outro mundo. Como sugeri acima, o modelo de formalização de mundos de Goodman, que realça a continuidade no mundo (ou seja, logicamente, a completude, que Goodman tende a explorar sob a terminologia do "mundo bem feito"¹¹) e, de modo geral, o homomorfismo entre diferentes estruturas de mundo, pode ser entendido como topológico ou espacial em sua natureza – para além do caráter algébrico do seu cálculo de transmutações. Desenhar a presença latente mas suprimida de uma

9 Compare a noção de Agamben de "estado de exceção" com a sua noção de "camp".

10 Goodman, Nelson. "Words, Works, Worlds", In: *Ways of Worldmaking*. US: Hackett Publishing, 1978.

11 Cf. Goodman, Nelson. "Things". In: *Of Mind and Other Matters*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1984. pp. 30-39, "Notes on the Well-Made World".

faceta 'topológica' do modelo de mundofazer de Goodman é, eu sugiro, uma chave para mitigar a ameaça de falsa equivalência nas transformações teóricas do seu modelo. Além disso, abre caminho para se lidar com o problema dos "sem estado" que expus acima.

Sustentar os vários compromissos de Goodman requer instrumentos filosóficos de moderação daquilo que Hintikka define como a "linguagem como cálculo" e a "linguagem como um meio universal".¹² A tese de mundofazer de Goodman aproxima-se de uma orientação da "linguagem como cálculo", por razões já discutidas. Sua tese sobre a indistinguibilidade do monismo e pluralismo, pelo contrário, é mais compatível com uma abordagem da "linguagem como meio universal". Sugiro que estes pontos de vista não têm que ser diametralmente opostos. Hintikka nota, quanto a essa distinção, que "o termo 'linguagem como cálculo' serve para realçar a alegação de que a linguagem é reinterpretável como um cálculo".¹³ Uma consequência da tese de Goodman parece ser, em parte, que a interpretação é, em si mesma, puramente mereológica – cria relações entre parte e todo, e pode alterar relações de distribuição e escala – por exemplo, entre localidades e totalidades. É nesse sentido que Goodman pode razoavelmente dizer que monismo e pluralismo se misturam, do seu ponto de vista. A um nível básico, a exigência goodmaniana de um cálculo é um requisito para a universalização – "linguagem" é precisamente uma instrumentalização da linguagem, seu uso como cálculo.

12 Para uma descrição dessa distinção, cf. Hintikka, Jaako. "Is Truth Ineffable?". In: *Lingua Universalis vs. Calculus Ratiocinator: An Ultimate Presupposition of Twentieth-Century Philosophy*. Republished in *Jaako Hintikka Selected Papers*, Volume 2, Dordrecht: Springer Science + Business Media, 1997. pp. 20-45.

13 *Ibid.*, p. 25.

A linguagem *qua* cálculo é o 'meio universal' para Goodman, além de ser um operador de redistribuição mereológica.

Para colocar em termos mais claros e menos específicos em relação à distinção de Hintikka, a mitigação e a compatibilização entre o cálculo e o meio universal que estou propondo para o ponto de vista de Goodman são semelhantes às que Badiou esboça quando discute como os 'locais' funcionam no contexto do seu *Logic of Worlds*. Resumindo essa estrutura no seu Segundo Manifesto, ele escreve: "Existem muitas estruturas desse tipo que não são isomórficas. Esse grupo diverso está no meio de uma tensão entre álgebra e topologia – entre a teoria das operações e a teoria das localizações – que há muito acredito estar no centro de todo o pensamento dialético".¹⁴ Do mesmo modo, o trabalho de Patricia Reed sobre a navegação entre as localidades e o 'grande mundo', ou escalas aninhadas no interior do planetário, também encerra recursos matemáticos que decretam "a dialética entre o discreto (ou o particular) e o contínuo (ou o global)".¹⁵ E prossegue: "para ambos os pensadores [Glissant e Grothendieck], vindos de campos díspares, não há qualquer conflito do discreto contra o contínuo. Cada um deles recusa essa falsa escolha e coloca os seus esforços na articulação de uma cola relacional que sustenta simultaneamente escalas discretas e contínuas... Isto resulta numa imagem da situação como discretamente localizada, mas também, crucialmente, como inextricável em relação a uma totalidade contínua ou não-uniforme".¹⁶

14 Badiou, Alain. *Second Manifesto on Philosophy*. Trans. Louise Burchill. Cambridge and New York: Polity Press. p. 39

15 Reed, Patricia. "Orientation in a Big World: On the Necessity of Horizonless Perspectives", *e-flux journal*, no. 101, Summer 2019. p. 5.

16 *Ibid.*

Em última análise, as opiniões de Goodman sobre mundofazer são mais fáceis de aceitar se permitirmos que as formas lógicas do mundofazer formem certos espaços entre e através dos quais podemos navegar. Essa visão topológica também ajuda a formular a situação específica dos sem estado, que é o movimento transversal e o deslocamento perpétuo que descrevi acima. É nesse sentido que podemos compreender a condição dos "sem estado" como uma forma de vida que não ocupa espaço, não tem espaço para si própria, e não tem posição. Além disso, é nesse sentido a-topológico que a falta de estado pode ser uma forma de vida e no entanto não ser um mundo: isso está ligado à sua não-navegabilidade, à sua não-placidez, à sua não-localização. Como Badiou diria à moda heideggeriana: "não-lá".¹⁷ Um dos problemas do mundo sem estado é, como diz Reed¹⁸, o seu fim inevitável – resultado do seu confronto com a incompletude. Ao traçar os processos de mundofazer e de transformação de mundos em Goodman, é preciso ter cuidado com as falsas equivalências, caso em que se acabaria numa situação que Patricia Reed poderia categorizar como inóspita e sem futuro.¹⁹ Pontos de falsa equivalência podem mesmo ser considerados sintomas da perda da continuidade badiouiana oferecida pelas verdades e pelos procedimentos

17 Badiou, Alain. *Second Manifesto on Philosophy*. Trans. Louise Burchill. Cambridge and New York: Polity Press. p. 30: "Let us take any multiplicity... there is the fact that this multiplicity is *there*. Hegel was right to join a doctrine of being-there to his doctrine of pure being. The fact that a multiple is in some way localized, such that the multiple-indifference of its being is assigned to a world, goes beyond the resource of this multiple-being as thought by mathematics. A sort of impetus, topological in essence, prevents the multiple from being merely what it is since, as what appears, it is there that it has to be what it is."

18 Reed, Patricia. "The End of a World and its Pedagogies", *Making & Breaking*, Issue 02, 2021. p. 2.

19 *Ibid.* Cf. as discussões de Reed quanto a "estruturas futuras subjacentes" e "parâmetros futuros".

de verdade. À medida que todos os horizontes temporais finitos se fecham, na ausência de futuro, olha-se para o eterno, e um candidato a essa eternidade é a verdade/procedimento de verdade proposta por Badiou²⁰ – uma possível via para paliar a ameaça da falta de estado no processo de mundofazer.

Em resumo, neste artigo levantei a questão de como podemos aceitar a "tese do mundofazer" de Goodman – ou seja, de que a criação de um novo mundo está sempre predicada na operacionalização de mundos preexistentes – dado que existe uma possibilidade de falta de estado, com formas de vida sem mundo emergindo da conjunção de mundos. Através de exemplos de formas políticas, concebi como as formas de vida "apátridas" poderiam ser inibidas num novo mundo precisamente devido a impedimentos constituídos nos mundos já existentes. Voltando aos pressupostos fundamentais de Goodman, expliquei que a sua orientação filosófica corre o risco de ser incoerente a menos que se possa criar para o seu sistema uma forma de mediação entre a "linguagem como cálculo" e a "linguagem como meio universal". Para fazer isso, considerei uma orientação do *à la* Grothendieck para a localização e mediação entre contínuo e discreto, bem como a introdução da ideia de que a interpretação da linguagem no enquadramento goodmaniano tem uma potência meramente mereológica. Isso levou a uma nova concepção do mundofazer, em que as formações lógicas são também formações topológicas,

20 Badiou, Alain. *Second Manifesto on Philosophy*. Trans. Louise Burchill. Cambridge and New York: Polity Press. p. 24: "Truths, and truths alone, unify worlds. They transfix the disparate composites of bodies and languages in such a way that, for a split second or sometimes longer, these are, as it were, welded together. This is why all truths introduce, within the play of established opinions, a sudden *change of scale*. That which is One in terms of mundane closure attains, through the welding of worlds, a vast superior unity."

permitindo a redistribuição dos domínios lógicos e topológicos do mundofazer. Também nesse sentido, a vida sem estado passa a existir num "plano de imanência" deserto e não-localizável.²¹ Sabemos pela história e pela nossa vida social no presente que existem não-mundos onde a hiper-presença de enquadramentos coerentes e autônomos se combinam para criar um formalismo indecifrável – uma condição de pesadelo que envia uma pessoa continuamente a cambalear através de vários sistemas, não sendo vista ou registrada ou compreendida por nenhum deles. Lógicas particulares coexistem com certos espaços lógicos. A ausência de estado não é um conceito nulo, mas simplesmente um estado de ausência de mundo imanente, um turbilhão sem fundamento acima do plano imanente do espaço lógico. Ao considerar a espacialidade latente da forma lógica, podemos começar a imaginar uma alternativa a tal anarquia formalizada.

21 Cf. Prado, Bento Jr. "The Plane of Immanence and Life". In: Khalfa, Jean, ed. *Introduction to the Philosophy of Deleuze*. London and New York: Continuum, 1999. pp.9-25. Adicionalmente, aquilo a que me refiro como "não-localização" pode ser comparado ao conceito deleuzeano de "desterritorialização".